

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM

GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



Operação Atalanta é renovada no Golfo de Aden

ESTE E OUTROS 13 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 176 • 08 de fevereiro de 2023

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Navios utilizados na Operação Atalanta](#)

Por: Força Naval da União Europeia

Fonte: Flickr

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante João Alberto de Araujo Lampert

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)



ÁFRICA SUBSAARIANA

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)
Nicole Eduarte Silva Chifunga (UFF)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)

AMÉRICA DO SUL

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Matheus Ribeiro de Paula (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Jayanne Balbino Soares (UFF)

EUROPA

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Gustavo da Hora (UFRJ)
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (Kobe University)
Júlia Elias Teodoro Santos Pereira (UFRJ)
Luís Filipe de Souza Porto (UFABC)
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFF)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Amanda Neves Leal Marini (ECEME)
Dominique Marques de Souza (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

RÚSSIA & EX-URSS

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Manguera (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri (UFRJ)
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

TEMAS ESPECIAIS

Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)



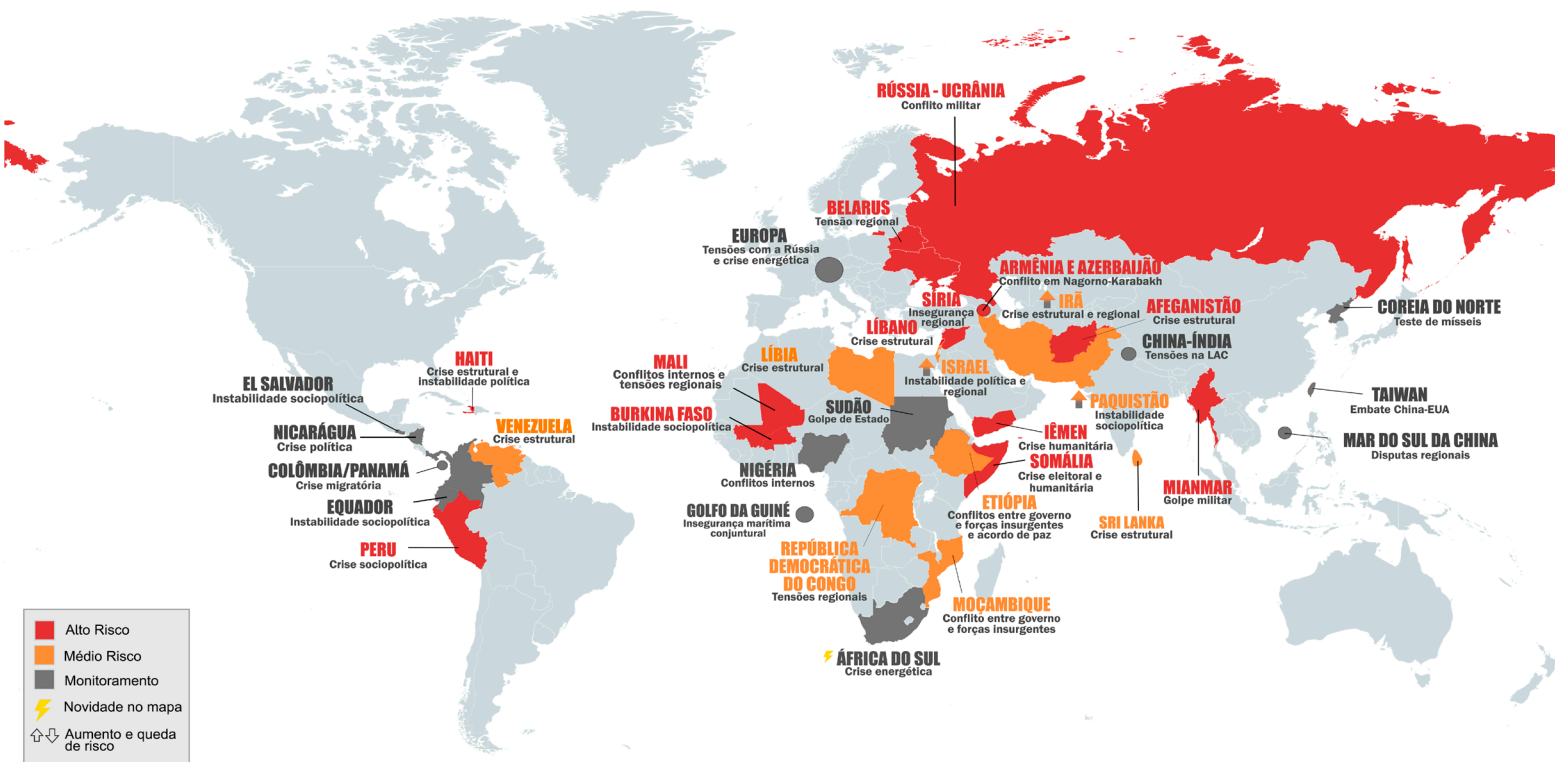
SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL		LESTE ASIÁTICO		
Hidrocarbonetos em pauta: Relações Brasil-Argentina.....	5	Projeto de porta-aviões sul-coreano em meio aos ajustes de prioridades em Defesa	13	
AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL		SUL DA ÁSIA		
Mudanças Climáticas, Rio Colorado e o Federalismo estadunidense	6	Oportunidades para a Embraer na Índia	14	
ÁFRICA SUBSAARIANA		SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA		
Alianças estratégicas à segurança energética da África do Sul	7	Acordo fornece fôlego para o Código de Conduta para o Mar do Sul da China ..	14	
O fim da pirataria no Golfo da Guiné é sinônimo da segurança marítima na região?.....	8	ÁRTICO & ANTÁRTICA		
EUROPA		O Acordo de Cooperação Antártica entre Brasil e Argentina		15
A melhora nas relações Reino Unido-UE e o protocolo da Irlanda do Norte	9	TEMAS ESPECIAIS		
ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA		Defesa Cibernética no Japão: pressão estadunidense ou resposta às ameaças regionais?		16
Operação Atalanta é renovada no Golfo de Aden.....	10	O presente e o futuro das embarcações militares autônomas		17
RÚSSIA & Ex-URSS		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....		19
A Estratégia russa para o Ártico seguirá novos rumos?.....	11	Calendário Geocorrente.....		19
O Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul e as sanções à Rússia	12	Referências.....		20
		Mapa de Riscos.....		21

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Luísa Barbosa



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 21.

Hidrocarbonetos em pauta: Relações Brasil-Argentina

Matheus Ribeiro de Paula

A região de *Vaca Muerta* é a maior formação geológica de hidrocarbonetos não-convencionais da Argentina, se destacando não só por seu potencial energético na produção de gás e óleo de xisto, mas por ser considerada uma “ponte” de integração com a região sul do Brasil. Alberto Fernández, Presidente da Argentina desde 2019, demonstra a aproximação de seu país ao novo governo brasileiro, na tentativa de estabelecer laços bilaterais estratégicos de integração e cooperação, objetivando a reinserção do país em uma posição de destaque no setor energético da América do Sul. Assim, questiona-se: quais serão os possíveis efeitos da integração Brasil-Argentina a partir da região de *Vaca Muerta*?

Em janeiro de 2023, a Cúpula da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) foi marcada pelo retorno do Brasil ao bloco e por um amplo debate sobre as questões de integração, sobretudo, com o fortalecimento do diálogo bilateral entre Brasil e Argentina. O governo argentino visa o desenvolvimento da região de *Vaca Muerta*, segunda maior reserva de gás de xisto do mundo e a quarta de petróleo não-convencional, mediante o financiamento da expansão do gasoduto *Néstor Kirchner*. Esse possibilitaria o escoamento de gás de xisto da Patagônia para a região sul do Brasil, resultando na redução de custos de transporte e diminuindo a dependência brasileira do gás boliviano.

Para o lado argentino, o desenvolvimento dessa região é considerado fundamental, com o principal objetivo de garantir sua autossuficiência em relação aos hidrocarbonetos, colocando o país em uma posição de protagonismo no cenário energético sul-americano. Nesse mesmo contexto, no final de janeiro de 2023, Fernández também se encontrou com o Chanceler alemão, Olaf Scholz, demonstrando o interesse de aumentar o número de parceiros estratégicos e garantir a visibilidade do projeto no cenário internacional.

A diversificação energética argentina é necessária ao país, mas o projeto encontra diversas dificuldades internas, sobretudo com pressões de ambientalistas, devido à extração agressiva dos hidrocarbonetos, realizada através do uso de fraturamento hidráulico; há ainda a crescente crise econômica que afeta o país, que registrou, ao final de 2022, uma taxa de inflação de 94,8%. Tendo em vista esses apontamentos, o cenário de integração entre Brasil e Argentina demonstra uma possibilidade de melhora econômica, a partir do sustentáculo viabilizado pela região de *Vaca Muerta*. A consolidação desse projeto ambicioso pode contribuir também para a reinserção argentina no mercado energético sul-americano, tornando-o um *player* estratégico para a região.



DOI 10.21544/2446-7014.n176.p05.

Mudanças Climáticas, Rio Colorado e o Federalismo estadunidense

Victor Gaspar Filho

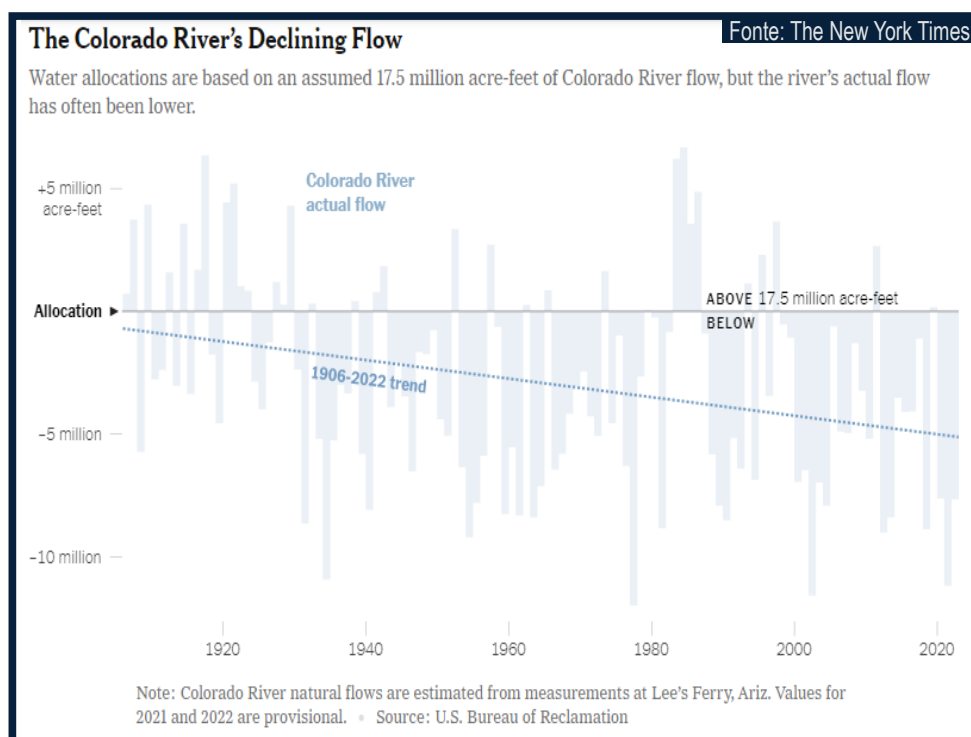
Sete estados do oeste estadunidense perderam, pela segunda vez, o prazo para o alcance de um consenso sobre a nova partilha da água do Rio Colorado. O *Bureau of Reclamation*, agência federal subordinada ao Departamento do Interior e responsável pela manutenção dos recursos hídricos nacionais, estendeu para 31 de janeiro o prazo para que o minguinte corpo d'água tivesse novas cotas de consumo atribuídas ao Arizona, Califórnia, Colorado, Nevada, Novo México, Utah e Wyoming. Com o rio sendo utilizado pelos sete entes federativos para atividades como a geração de energia, navegação e pesca, é essencial para 40 milhões de pessoas e quase seis milhões de acres de agricultura.

Desde a virada do século, a média do volume d'água do rio reduziu de 17,5 milhões de acres-pés para 12 milhões ao ano, atingindo 10 milhões nos últimos três anos. Apesar deste declínio, o consumo, impulsionado pela industrialização e crescimento populacional, elevou-se significativamente. Como agravante, a partilha positivada em acordos firmados entre os entes federativos é baseada em quantias absolutas: a cada um dos estados foi designado um volume sem que fosse considerada a potencial variação deste. Fora atribuída ao México também a cota de 1,5 milhão de acres-pés de consumo do rio, que chega ao seu território.

A crise suscita o debate sobre qual direito de uso

para determinadas finalidades possui precedência sobre outros. Enquanto a Califórnia possui reservatórios — deficitários — para provisão de água e geração de energia hidrelétrica ([Boletim 144](#)), Colorado, Novo México, Utah e Wyoming obtêm água majoritariamente no percurso do rio, sem represá-lo. Seis dos estados envolvidos propuseram que as reduções fossem mais significativas a jusante, na direção do único estado a não concordar com a proposta: a Califórnia. O pedido do governo federal exigia que o acordo reduzisse o consumo total de 20% a 40% em partes distribuídas conforme acordado multilateralmente.

O experimento democrático estadunidense é baseado em um federalismo com autonomia relativa dada aos estados e os acontecimentos recentes podem levar à quebra de uma tradição de mais de um século de independência dos estados do oeste para atribuir cotas de consumo dos recursos hídricos entre si. As mudanças climáticas se apresentam como um fenômeno estressor do tecido jurídico-institucional fundante dos Estados Unidos. Manifestações físicas evidenciam a abstração dos pilares institucionais e indicam uma potencial alteração mesmo de sua política externa, dado o fato do México também planejar seu consumo hídrico em função das decisões tomadas nos Estados Unidos.



Alianças estratégicas à segurança energética da África do Sul

Luísa Barbosa Azevedo

Em janeiro de 2023, a África do Sul recebeu a visita do Ministro de Relações Exteriores da Rússia, Sergei Lavrov. No encontro, foi confirmada a segunda edição do exercício marítimo *Mosi* entre as Marinhas da África do Sul, China e Rússia de 17 a 27 de fevereiro em águas sul-africanas. No contexto internacional polarizado pelo conflito russo-ucraniano, o anúncio rendeu críticas ao país africano, que se volta internamente à resolução de uma crise energética. Assim, como a África do Sul pode estimular ajuda externa para o fim da crise energética?

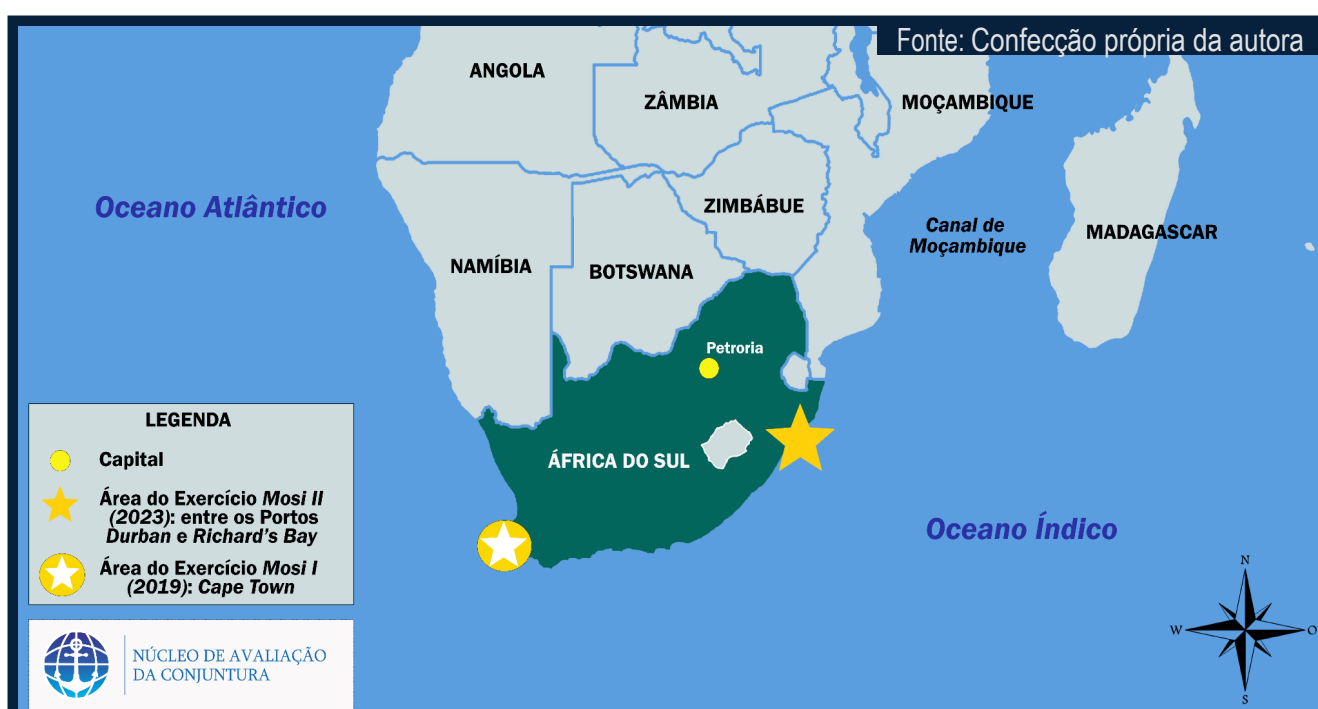
A Política Externa sul-africana preza pelos princípios de pan-africanismo, cooperação Sul-Sul, não alinhamento, independência e progressivo internacionalismo. Nota-se que o último, durante o governo de Cyril Ramaphosa, traz ênfase ao estreitamento dos laços econômicos com o Sul Global. Nesse sentido, a crise energética pode ser tratada com a diversificação de parcerias internacionais.

Mesmo sendo o 5^a maior exportador de carvão do mundo, o país é impactado pelo constante colapso de sua rede elétrica. A concessionária estatal, *Eskom*, é responsável por 90% da produção de energia, com capacidade limitada por infraestruturas inadequadas e investigações de corrupção. A fim de solucionar a crise, em julho de 2022, foi apresentado o *Energy Action Plan*, buscando, de imediato, reduzir a frequência dos cortes de energia e, no longo prazo, alcançar a segurança

energética através da transição para fontes de energia renováveis, de custo estimado em US\$ 100 bilhões ao país. Para isso, Alemanha, França, Estados Unidos, Reino Unido e União Europeia mobilizaram US\$ 8,5 bilhões para o projeto. É, então, evidente a necessidade de laços diplomáticos e estratégicos com as potências do Norte Global, a fim de assegurar o financiamento da transição energética.

Por outro lado, as relações entre África do Sul e Rússia vêm se estreitando conforme o desenrolar do conflito russo-ucraniano, com Moscou buscando apoio internacional. Nesse contexto, o posicionamento sul-africano se manteve reticente a críticas, abstando-se em votações na Organização das Nações Unidas ([Boletim 168](#)). Cabe mencionar a realização do segundo Encontro África-Rússia, que ocorrerá em julho de 2023. O estreitamento de relações entre ambos os países pode possibilitar o aumento do comércio bilateral e da cooperação militar e tecnológica.

A Política Externa sul-africana dá prioridade à resolução da crise energética e, por isso, incentiva esforços multilaterais de parceiros do Sul e Norte global em cooperação militar e tecnológica, como no exercício *Mosi II*. Entretanto, é importante acompanhar os impactos desses no financiamento e na viabilidade da transição na África do Sul.



O fim da pirataria no Golfo da Guiné é sinônimo da segurança marítima na região?

Vanessa Bandeira

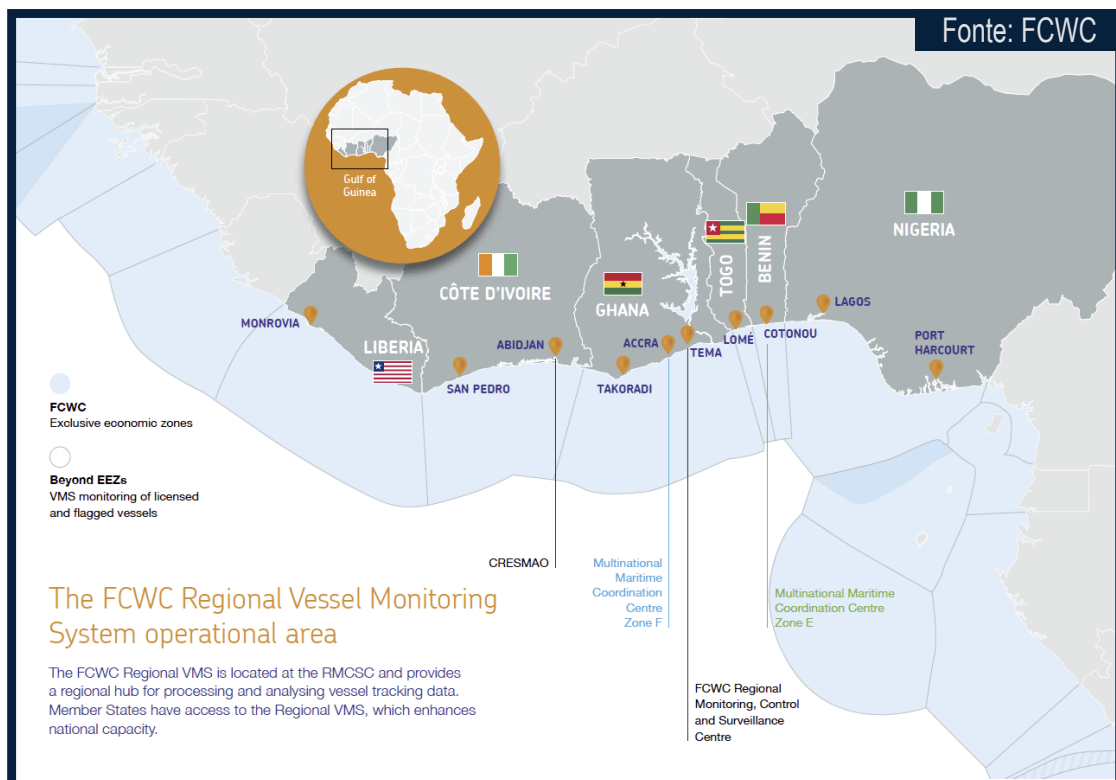
Segundo o *International Maritime Bureau*, em 2022, a pirataria marítima global atingiu seus níveis mais baixos em décadas. O Golfo da Guiné (GoG, na sigla em inglês), que já havia reduzido 58% dos ataques em 2021, teve um novo decréscimo de aproximadamente 54% no número de incidentes registrados em 2022 em comparação com o ano anterior. Seriam esses números suficientes para assegurar a estabilidade da segurança marítima na região?

O sucesso no declínio das ocorrências de pirataria é atribuído principalmente aos esforços integrados para garantir a segurança marítima regional, como o compartilhamento de informações, o patrulhamento conjunto e a criminalização da pirataria nas legislações nacionais, como na Nigéria e no Togo. Todavia, essa cooperação não se restringe ao âmbito regional e vem ocorrendo em todos os níveis. O Benin, por exemplo, recebeu dos Estados Unidos (EUA) um novo navio patrulha, em dezembro de 2022. Além disso, no mesmo período, os EUA ainda contribuíram na construção de uma oficina de manutenção, um hangar e uma rampa para o lançamento das embarcações, além do adestramento da Unidade da Polícia Marítima e Fluvial Especial do Benin (USPFM) pelo Comando dos EUA para África.

Especialistas apontam que, apesar dessa redução

nos índices, não é possível assegurar a estabilidade da segurança marítima na região. Para além da pirataria, o GoG também sofre com outros crimes marítimos como, por exemplo, a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN), que possui forte conexão com a pirataria. O GoG é considerado um *hotspot* global da pesca INN, que gera altos custos econômicos à África Ocidental, além de esgotar os estoques pesqueiros locais, destruir os ecossistemas, empobrecer as comunidades costeiras e ameaçar a segurança alimentar da população ([Boletim 170](#)). Ademais, a maioria dos episódios de sequestro no mar ocorridos no mundo em 2022 foram na região do GoG. Portanto, há um receio de ocorra apenas uma migração da pirataria para outras modalidades de crimes ilícitos marítimos menos arriscadas e mais lucrativas.

Assim, o alerta com relação à segurança marítima do GoG permanece, apesar da significativa redução nos índices de pirataria. Os esforços exitosos para a estabilização da segurança marítima regional não podem se restringir apenas à pirataria e precisam ser cada vez mais expandidos. Outrossim, é necessário ainda uma abordagem que identifique e trate a raiz dos problemas, abarcando os desafios sociais, políticos e econômicos da região.



A melhora nas relações Reino Unido-UE e o protocolo da Irlanda do Norte

Guilherme Carvalho

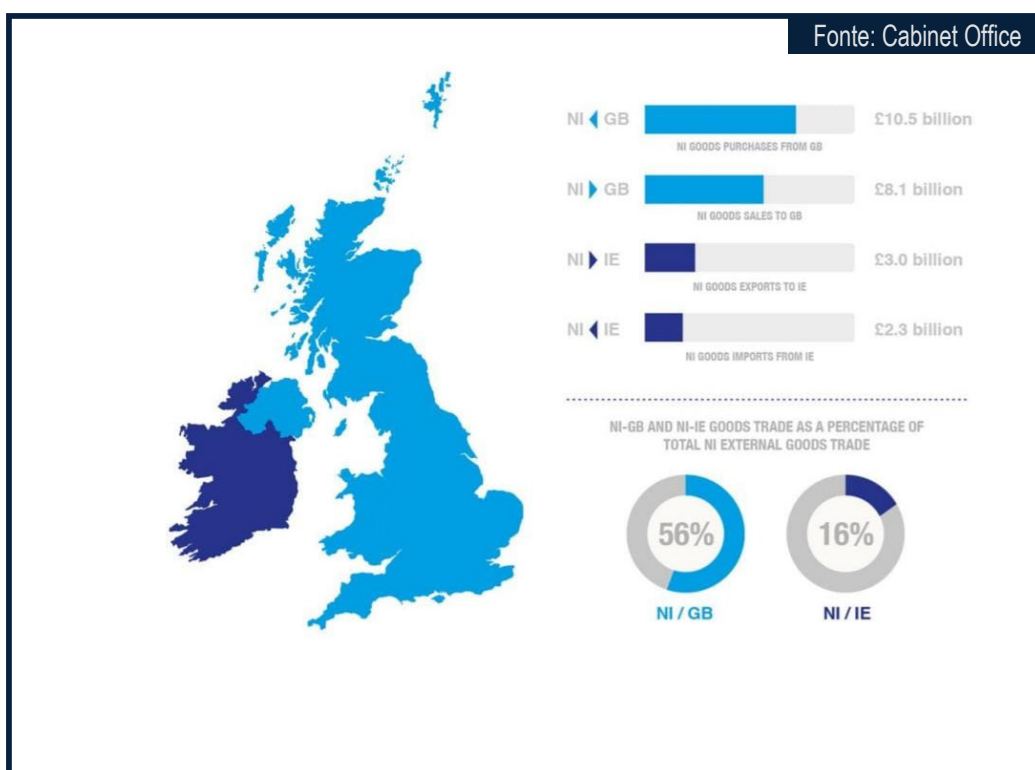
As negociações em torno do Protocolo da Irlanda do Norte, tópico sensível nas relações entre Reino Unido e União Europeia (UE) pós-Brexit, apresentaram um sinal de avanço na sua negociação nas últimas semanas. O compartilhamento de informações relacionadas ao comércio britânico para a região e o desenvolvimento de um sistema de dados comerciais para uso mútuo, cláusulas pleiteadas pelo bloco, foram aceitos por Londres. Nesse sentido, é possível prever que a melhora nas relações significará uma revisão do Protocolo que satisfaça os dois lados?

Para evitar a recriação de uma fronteira entre as duas Irlandas, findada no acordo de paz de 1998, o citado protocolo foi negociado mantendo Belfast dentro do Mercado Único da União Europeia. Dessa maneira, apesar de fazer parte do Reino Unido, este território, por estar no bloco econômico, precisa respeitar as regras estabelecidas: bens e mercadorias têm suas tarifas e cotas zeradas, mas estarão submetidos às normas de fiscalização aduaneira, sanitária e fitossanitária da UE. Essas medidas impactam, principalmente, o setor alimentício devido à complexa burocracia, às possíveis postergações ao comércio dos produtos e aos custos adicionais para os produtores.

A contra-proposta britânica consiste na ideia central

de vias verdes e vermelhas para o comércio. Nesse sentido, mercadorias britânicas que se deslocam através da Irlanda do Norte para a UE utilizariam a faixa vermelha e continuariam a ser verificadas nos portos da Irlanda do Norte. Já as que vêm da Grã-Bretanha para a Irlanda do Norte, utilizariam a faixa verde, diminuindo a burocracia. Notícias recentes apontam que este acordo está próximo de ser aceito pelo Bloco Europeu. Contudo, outro fator de disputa entre as partes é o impasse acerca do papel da Corte Europeia de Justiça, tendo-se em vista que, para os britânicos, nos assuntos concernentes ao comércio entre Reino Unido e Irlanda do Norte, a Instituição não teria tanto poder decisório, já que os países compõem o mesmo território; já para a UE, devido ao pertencimento de Belfast no Mercado Único, caberia à Corte do Bloco estabelecer e verificar as normas comerciais.

Assim, apesar dos avanços no estabelecimento de um acordo final, com ambas as partes fazendo concessões, ainda há outros aspectos de grande complexidade que precisarão ser revistos. Nesse sentido, mesmo com boa vontade mútua, ainda há um longo caminho a ser percorrido, denotando as dificuldades políticas, econômicas e sociais da desintegração de um país de um Bloco Econômico.



Operação Atalanta é renovada no Golfo de Áden

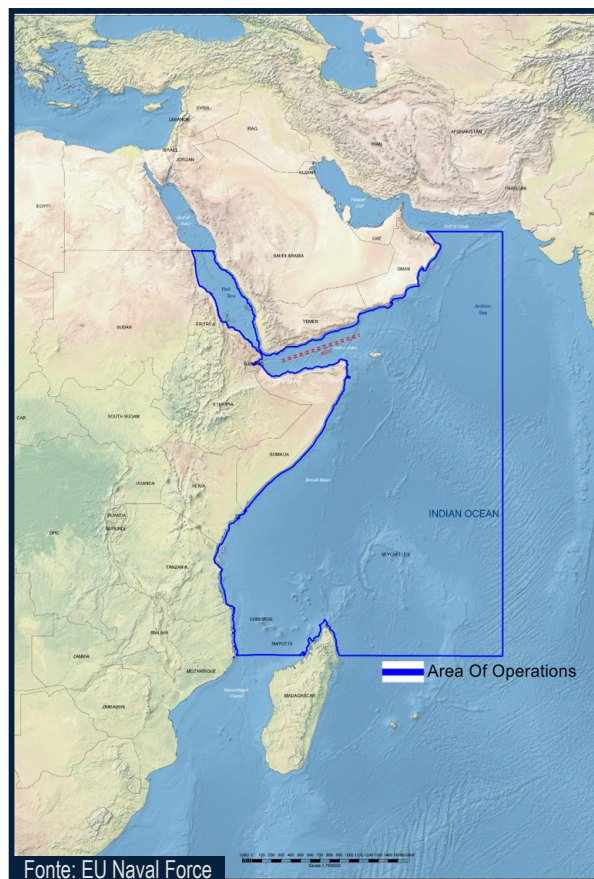
Melissa Rossi

Em 12 de dezembro de 2022, a União Europeia (UE) aprovou por unanimidade a renovação da EUNAVFOR Somália, também conhecida como Operação Atalanta, até 31 de dezembro de 2024. No entanto, é importante assinalar que a renovação da missão acontece no momento em que a comunidade marítima internacional revogou o status de Área de Alto Risco (HRA, sigla em inglês) dessa região, assinalando que ações de pirataria estariam finalmente sob controle. Nesse sentido, quais seriam as possíveis razões para a manutenção da Operação Atalanta?

Em primeiro lugar, é preciso reforçar que os atos de pirataria estão contidos, mas as causas ainda persistem. A Somália, principal país de onde partem ataques piratas, sofre de grande instabilidade econômica, política e social. Além disso, o Estado vem atravessando sua pior seca das últimas quatro décadas, o que leva muitos a garantir o sustento por meio de atividades ilícitas pelo mar. Boa parte dos antigos piratas mudaram para outros ramos da ilegalidade, como tráfico de armas, entorpecentes e pessoas; entretanto, caso a comunidade internacional não mantenha o rigor do monitoramento, isso pode se reverter para a pirataria, visto os enormes ganhos financeiros com os pedidos de resgate e valores das cargas.

Em segundo lugar, vale ressaltar que, para além de suprimir a pirataria, a missão também tem como objetivo proteger a livre circulação de embarcações no Golfo de Áden, no Mar Vermelho e no Norte do Oceano Índico. Além disso, também busca combater o tráfico de armamentos usados no conflito do Iêmen e o tráfico de entorpecentes e carvão. Considerando que as consequências geopolíticas do conflito na Ucrânia vão muito além do entorno estratégico europeu, a missão ainda mantém sua relevância. Países europeus precisam garantir sua independência do gás natural liquefeito (GNL) russo, o que pode ocorrer por meio de novos acordos com países do Golfo, como o Catar e os Emirados Árabes Unidos. Como resultado, a manutenção da estabilidade e da livre navegação pelo Golfo de Áden e Mar Vermelho, por onde passam as exportações de hidrocarbonetos para a UE, é de grande valia para o bloco.

Em suma, a Operação Atalanta foi estendida por mais dois anos para garantir a liberdade de navegação e a exportação de GNL do Golfo para a UE, que está em busca de novas fontes energéticas que substituam o gás russo. Além disso, o bloco europeu entende a necessidade de não demonstrar abandono dos esforços contra a pirataria na região.



A Estratégia russa para o Ártico seguirá novos rumos?

Luiza G. Guitarrari

O Ártico é uma das regiões onde os interesses energéticos e militares russos são proeminentes. Desde meados de 1990 a estratégia de reposicionamento global da Federação Russa esteve embasada em sua atuação no Sistema Cinco Mares, ou seja, a partir dos mares que circunscvem seu território — Azov, Báltico, Barents, Cáspio e Negro. Nesse aspecto, sua política externa se pautou na combinação entre exploração de recursos naturais e prontidão militar nas regiões supracitadas. Embora o conflito em curso na Ucrânia tenha exposto o Estado russo a novos desafios de segurança e defesa, seu protagonismo na região ártica ainda é notável. Desse modo, quais serão as ações tomadas pelo Kremlin em defesa dos interesses russos na região?

Após a dissolução da União Soviética (1991), o cerne da estratégia militar russa no Ártico passou a compreender o emprego de forças navais mais modernas com submarinos nucleares, drones e uma expressiva frota de quebra-gelos. Dentre o rol de atividades da Esquadra do Norte russa são elencadas a proteção da Zona Econômica Exclusiva e as atividades produtivas compreendidas nela, bem como rotas comerciais, como a Rota do Mar Norte (NSR, em inglês). Nesse ínterim, a Estratégia russa para o Ártico (2020-2035) indica alguns projetos no âmbito econômico e de política externa

em desenvolvimento nos anos vindouros, ligados principalmente à infraestrutura para energia e transporte. Assim, os projetos portuários, como a criação de *clusters*, contribuiriam para o escoamento de produtos por meio da NSR e a atualização de instalações militares.

Paralelamente, a Indústria de Defesa russa e suas Forças Armadas têm gradativamente investido na capacidade naval a partir do binômio da dissuasão nuclear e novos projetos bélicos. Assim, em janeiro de 2023, a Esquadra do Norte concluiu as primeiras ogivas nucleares do *Poseidon*. Previsto no *State Armament Program* (2018-2027), que contempla o conjunto de "armas invencíveis" da Rússia ([Boletim 151](#)), o *Poseidon* é considerado um torpedo furtivo e de difícil detecção, com alcance intercontinental e velocidade de até 70 nós.

Em suma, ainda que a disputa pelo Ártico tenha perdido evidência em termos relativos com o conflito russo-ucraniano, a região polar segue na estratégia de longo prazo da Federação russa, tanto no âmbito econômico quanto militar. Moscou avança enquanto protagonista na formulação de políticas e tecnologias adaptadas para enfrentar os desafios impostos pela rigorosa geografia da região. Ao mesmo tempo, contará com uma Marinha moderna capaz de salvaguardar seus interesses nacionais, bem como sua soberania costeira.



DOI 10.21544/2446-7014.n176.p11.

O Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul e as sanções à Rússia

Pedro Martins

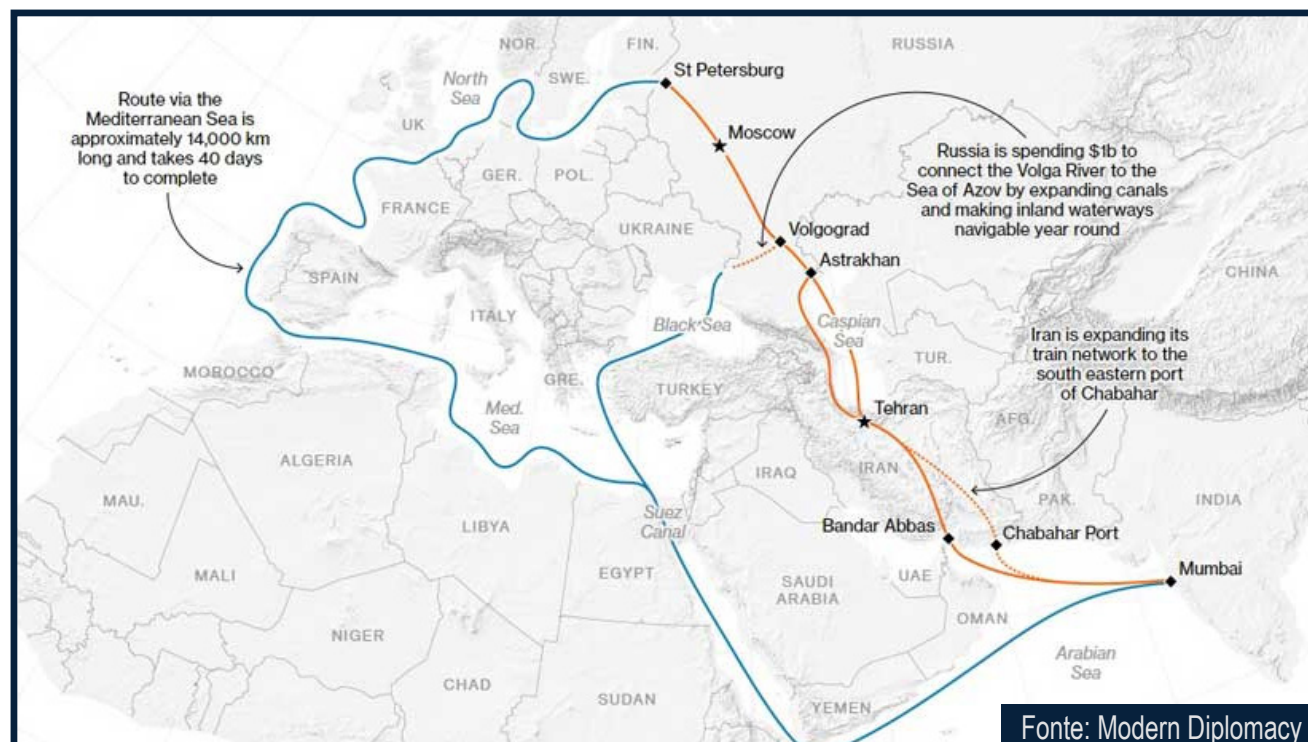
Uma das principais consequências econômicas do conflito russo-ucraniano foi o afastamento da Europa em relação à Rússia. Como resposta, Moscou busca desenvolver novas colaborações e rotas comerciais, com destaque para a parceria com a Índia e o desenvolvimento do Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo apresentar as ações russas para mitigar os efeitos do afastamento da Europa na sua economia.

Apesar da histórica interdependência econômica entre Rússia e a União Europeia (UE), os dados da *Eurostat* — agência estatística da UE — mostraram que o fluxo comercial bilateral saiu de pouco mais de US\$ 26 bilhões em novembro de 2021 para pouco mais de US\$ 18 bilhões em novembro de 2022, indicando os efeitos econômicos das sanções e do afastamento comercial europeu. Ao mesmo tempo, outras parcerias acabaram aumentando sua participação no comércio exterior russo, mitigando as consequências desse distanciamento. Segundo o *think tank* belga *Bruege*, o fluxo comercial indo-russo saiu de um total de US\$ 1,04 bilhões de dólares em novembro de 2021 para US\$ 4,94 bilhões de

dólares no mesmo período de 2022.

Os números do comércio bilateral indo-russo podem ser explicados pela longa parceria estratégica entre Nova Délhi e Moscou, com ênfase ao desenvolvimento do Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul — projeto multimodal de 3 mil km de extensão desenvolvido por Rússia e Irã que liga o Mar de Azov aos portos iranianos no oceano Índico. Ambos os países — sob o forte efeito de bloqueios internacionais — veem nesse projeto a construção de uma rota comercial “à prova de sanções”, uma vez que liga diretamente a Rússia ao Oceano Índico sem passar pelo território de adversários geopolíticos de ambos os países. É, então, uma forma de encurtar a distância entre esses dois pontos e estimular o uso comercial desta rota.

Nesse sentido, percebe-se que o conflito militar estimulou a alteração da dinâmica econômica da inserção internacional da Federação Russa. Enquanto os países europeus tentam reduzir a sua dependência da economia russa, Moscou busca novos parceiros — como a Índia — e rotas comerciais na Ásia, como o Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul.



Fonte: Modern Diplomacy

Projeto de porta-aviões sul-coreano em meio aos ajustes de prioridades em Defesa

Marcelle Torres

Em dezembro de 2022, Seul aprovou o Plano de Defesa de Médio Prazo 2023-2027 em cerca de US\$ 268,8 bilhões, visando um aumento médio anual no orçamento da pasta de aproximadamente 6,8% ao longo de cinco anos. Devido às crescentes ameaças nucleares, o objetivo do Ministério da Defesa sul-coreano é aumentar, sobretudo, os gastos com o sistema de segurança nacional de três eixos, composto por três estratégias: sistema de ataque preventivo *Kill Chain*, sistema de proteção Aérea e de Mísseis Coreanos (KAMD, na sigla em inglês) e plano de Punição e Retaliação Massiva da Coreia (KMPPR, na sigla em inglês) (Boletim 171). Em 2022, Pyongyang lançou mais de 90 mísseis balísticos e de cruzeiro e um *ICBM Hwasong-17*, além de veículos aéreos não-tripulados no espaço aéreo sul-coreano. Entretanto, pergunta-se: as novas prioridades de defesa podem impactar no projeto de um porta-aviões sul-coreano *CVX*?

Apesar de anunciado pelo Plano de Defesa de Médio Prazo 2020-2024 e enfatizado pela administração presidencial anterior, de Moon Jae-in, o projeto de desenvolvimento do *CVX* (antigo *LPX-II*), primeiro programa de construção de porta-aviões leve da Coreia do Sul, não foi contemplado no orçamento de Defesa para 2023. De acordo com o governo, a mudança no orçamento

não simboliza o fim deste projeto, mas um momento para reavaliar seus ativos, como o desenvolvimento local de aeronaves baseadas em porta-aviões. Todavia, a atual ênfase em Defesa se direciona para os poderes terrestre e aéreo sul-coreanos.

O porta-aviões integra o plano de desenvolvimento de uma Marinha de águas azuis da Coreia do Sul (Boletim 132) e segue uma lógica de “equilíbrio funcional no mar”, em que Seul busca preservar os interesses marítimos do país, manter a política de potência média e seguir uma política minimalista de não desafio à hegemonia de Washington ou confronto com Pequim. Em virtude das funções que os porta-aviões possuem no domínio marítimo, além de contribuir na dissuasão de ameaças norte-coreanas, o *CVX* possibilita uma melhor proteção dos interesses sul-coreanos; ainda, outros países do Leste Asiático conseguem desenvolver esse tipo de embarcação e modernizá-la; assim, Seul precisa acompanhar tal avanço. Portanto, a administração presidencial de Yoon Suk-yeol, por ressaltar a importância de dissuadir Pyongyang, reforçar a aliança com os Estados Unidos, atuar no Indo-Pacífico, operar a níveis regional e global e expandir a indústria de Defesa sul-coreana, também precisa se ater aos benefícios do projeto *CVX*.



Oportunidades para a Embraer na Índia

Eduardo A. Mangueira

Em janeiro de 2023, a Embraer anunciou a intenção de venda do caça de ataque A-29 Super Tucano e do cargueiro tático KC-390 *Millenium* para a Índia, aviões aptos para diferentes missões, com custo de manutenção relativamente baixo. A compra dessas aeronaves é parte de um movimento de maior inserção da Embraer no setor aéreo indiano, buscando apoiar o objetivo do país de se tornar um exportador de Defesa relevante, segundo o CEO da Embraer, Caetano Neto. Assim, quais serão as possíveis consequências de tal aproximação para as relações da empresa brasileira com os países da região?

Essa possibilidade é oferecida em momento favorável a investimentos no setor de Defesa da Índia, visto que há necessidade de autossuficiência e modernização de seu aparato militar ([Boletim 170](#)). A compra dessas aeronaves, age, portanto, suprimindo necessidades logísticas, de ataque, reconhecimento ou monitoramento de fronteiras, principalmente com a China e com o Paquistão, na porção da Linha de Controle Real. Segundo o *Global Air Powers Ranking* (2023), atualmente, a Índia possui a terceira maior força aérea do mundo seguida da China, na quarta posição. O Paquistão, por sua vez, encontra-se em décimo quinto lugar. Todavia, a região está num contexto de escalada armamentista, onde esses três países buscam modernizar

suas Forças Armadas, incluindo suas capacidades aéreas.

As relações entre o Brasil e a Índia tiveram suas origens em 1948, quando o Brasil reconheceu a independência indiana, desde então estabelecendo cooperações na área de comércio, segurança energética, segurança alimentar e Defesa. Essa cooperação tem se aprofundado, com a visita presidencial em 2020 à Índia e a assinatura de tratados de criação de um fundo monetário e fomento ao investimento e comercialização. Ainda, houve o estabelecimento de diálogo entre as duas indústrias de Defesa, visando, dentre outras coisas, o aumento das exportações brasileiras neste setor. Assim, o Brasil se apresenta como outra opção para compras bélicas indianas, contribuindo para a diversificação de parceiros nesta área.

Em suma, o plano de participar do projeto de autossuficiência indiano trará grandes oportunidades à Brasília. Uma posição futura da Índia como exportadora de Defesa com tecnologia brasileira pode possibilitar a abertura do leque da Embraer para o entorno estratégico indiano, que necessitaria de peças do Brasil para a manutenção das aeronaves, por exemplo. Outro mercado interessante, e possível, seria o Paquistão que, ainda defasado em relação a seu maior rival regional, poderia utilizar jatos brasileiros em seu projeto de modernização.

DOI 10.21544/2446-7014.n176.p14.

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Acordo fornece fôlego para o Código de Conduta para o Mar do Sul da China

Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira

A Indonésia e o Vietnã anunciaram em dezembro de 2022 o estabelecimento de um acordo para a solução da disputa nas proximidades das ilhas Natuna. Ainda que não esteja dentro da contenda pelo Mar do Sul da China (MSC), a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) da Indonésia possuía uma interseção com a estabelecida por Hanói, fato que gerou 12 anos de negociações entre os dois atores até a instauração de uma solução. A capacidade de alcançar um acordo ocasionou uma série de reflexões na comunidade internacional acerca da disputa maior e vizinha a essa, no MSC.

Embora os detalhes do acordo ainda não tenham sido divulgados, o feito traz fôlego para a viabilidade do Código de Conduta para o MSC, idealizado pela ASEAN e há vinte anos na prancheta da organização. A

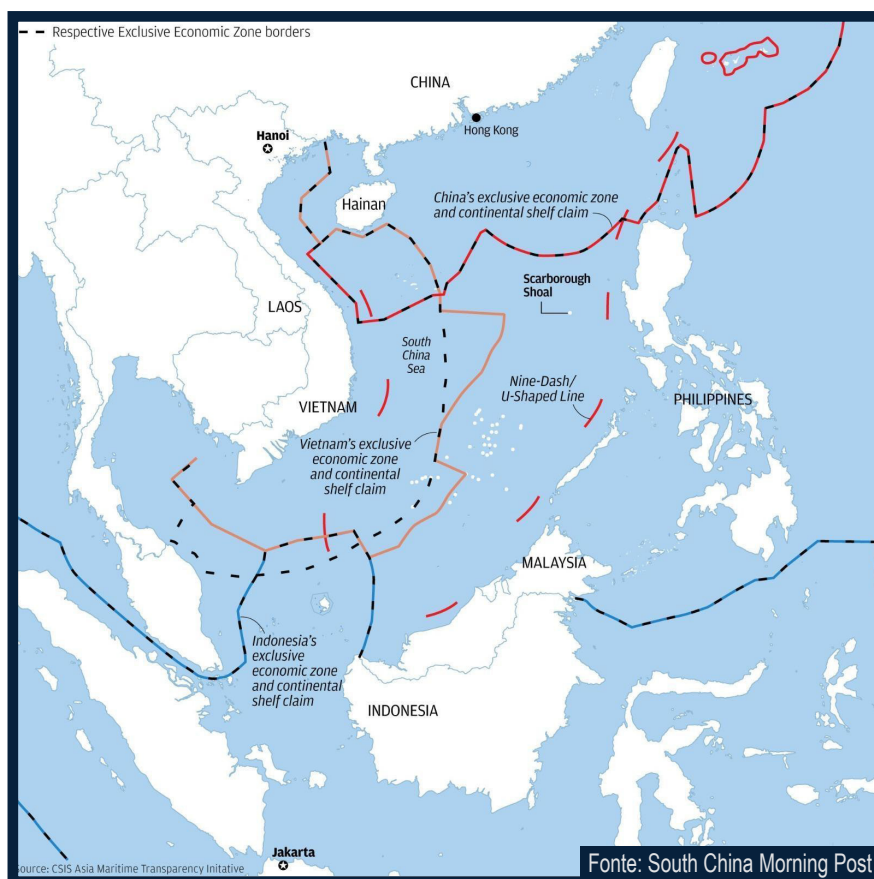
dificuldade para sua realização ocorre pelas condições do acordo serem vinculantes, tendo em vista que trata-se de uma região extremamente intrincada em função das ilhas ao longo da região. Do mesmo modo, a ASEAN possui em sua essência a cláusula de não-intervenção em interesses domésticos dos membros, de tal forma que sua dinâmica ocorre por meio de acordos de boa-fé e consensuais (o que evidentemente torna o alcance de um acordo difícil, dada composição de dez membros da organização). O código visa alcançar a solução pacífica das disputas de forma a proporcionar estabilidade regional.

A motivação para tal acordo ocorreu após o início de episódios de uso da força pela China no final dos anos 1980 e ao longo dos anos 1990. No século XXI, o ano de 2009 foi marcado pela intensificação de ações chinesas

na região, com o aumento de patrulhas marítimas e a ocupação de ilhas e atóis, em uma medida estabelecida por Pequim para proteger a sua reivindicação da *Nine Dash Line*, sustentada a partir de “direitos históricos”.

É interessante observar que o acordo entre Jakarta e Hanói ocorreu sem qualquer retratação ou consentimento de Pequim, de tal maneira que demonstra o não-reconhecimento da área reivindicada pela China. Há a

expectativa de que os Estados Unidos endossem o acordo entre as duas partes, inclusive apoiando futuras operações por meio de treinamentos conjuntos entre as Marinhas e o adestramento de pessoal. Em 2023, a Indonésia ocupa a presidência da ASEAN e pode utilizar o sucesso de seu acordo bilateral para avançar nas tratativas do Código de Conduta.



DOI 10.21544/2446-7014.n176.p14-15.

ÁRTICO & ANTÁRTICA

O Acordo de Cooperação Antártica entre Brasil e Argentina

Gabriela Paulucci da Hora Viana

A cooperação internacional no sexto continente representa possibilidades inéditas de alcance. Sob este escopo, no dia 23 de janeiro de 2023 foi firmado o Acordo de Cooperação Antártica entre Brasil e Argentina, representando a ampliação da área de atuação destes dois atores no Polo Sul. A fortificação dos diálogos bilaterais no Continente Gelado maximiza a expansão geopolítica de ambos os países, por vezes ainda mais facilitada e impulsionada pela integração regional proporcionada pelo Mercosul.

O Acordo de Cooperação Antártica busca institucionalizar, intensificar e estimular a cooperação bilateral, especialmente em operações logísticas e em atividades de pesquisa científica, ampliando as fronteiras logísticas, investigativas e geográficas. A parceria

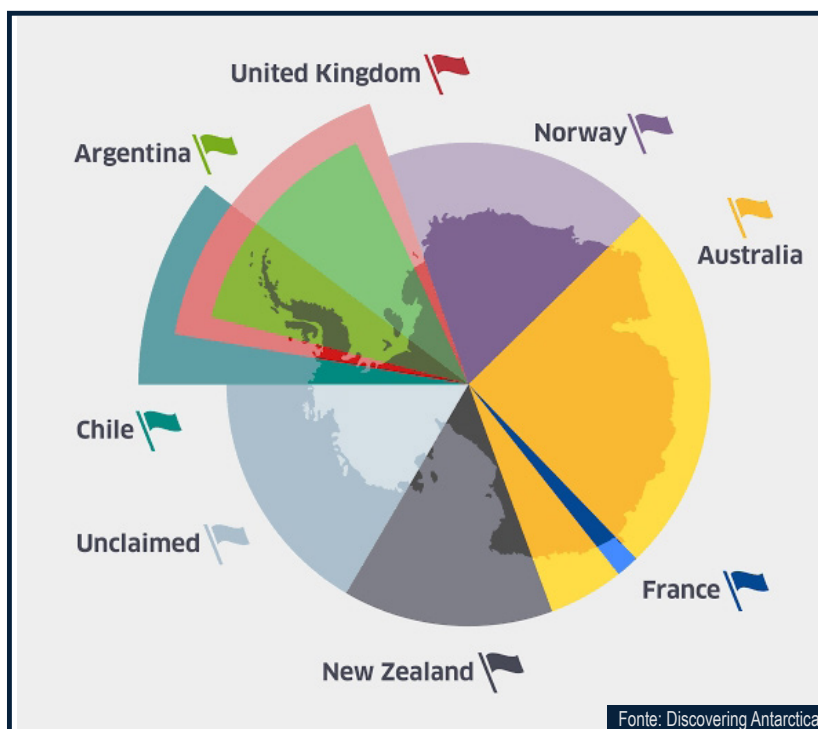
fortalece não apenas a presença brasileira no Sistema do Tratado Antártico, e as reivindicações territoriais argentinas, mas também o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), em qualificar e dinamizar suas pesquisas, projetando o Brasil como ator polar dentro do tabuleiro geopolítico antártico. Esta parceria estratégica legitima e fornece marco legal para que estes governos prossigam com as atividades conjuntas, otimizando o emprego de recursos humanos e materiais.

A reaproximação entre Brasil e Argentina, no que tange os assuntos polares, obteve um de seus pontos focais no dia 15 de agosto de 2022, marcado pela visita do secretário de Malvinas, Antártica e Atlântico Sul da Argentina, Guillermo Carmona, a Brasília. O secretário ressaltou que as Malvinas, a Antártica e o Atlântico Sul

são um tripé estratégico para o país ([Boletim 168](#)). Este evento foi importante para que o Brasil reforçasse o apoio em prol da Argentina sobre as ilhas subantárticas. Um dos pontos relevantes da visita foi o pedido argentino por maior cooperação regional com o Brasil, ilustrando que o atual Acordo foi uma ferramenta frutífera das conversações. Desta forma, o alinhamento flexibilizará progressivamente o papel dos vizinhos sul-americanos no continente gelado, avolumando suas capacidades de atuação.

O apoio logístico e tecnológico é arrematado na necessidade geopolítica dos dois países manterem a influência no continente antártico. As ferramentas

de multimodalidade que surgirão desta parceria serão imprescindíveis para que Brasil e Argentina continuem se legitimando como partes consultivas do Tratado da Antártica e consolidando seus projetos estratégico-científicos enquanto países sul-americanos. É inegável que o papel das parcerias estratégicas transformou-se em consonância com os atuais impactos climáticos no continente e seus novos atores. Deste modo, o poder do Estado Nacional mantém-se como peça fundamental para o ordenamento científico-ambiental, articulando a infraestrutura e sendo o promotor das políticas estratégicas na Antártica.



DOI 10.21544/2446-7014.n176.p15-16.

TEMAS ESPECIAIS

Defesa Cibernética no Japão: pressão estadunidense ou resposta às ameaças regionais?

Raquel Spiri

Próximo de completar um ano desde seu início em 2022, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia fez com que as agendas de Defesa recebessem maior atenção internacionalmente. Até mesmo o Japão, com sua retórica pacifista da Constituição de 1947 passou a expandir seu orçamento de Defesa, considerando também o campo cibernético. Seguindo uma tendência internacional, o Japão anunciou recentemente um grande investimento neste setor tendo como justificativa não apenas a crescente presença chinesa no ciberespaço, mas também um possível *spillover* do conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

Chamou atenção a revisão dos documentos de Defesa japonês combinada a um aumento no investimento previsto no setor entre 2023 e 2027 ([Boletim 175](#)). O

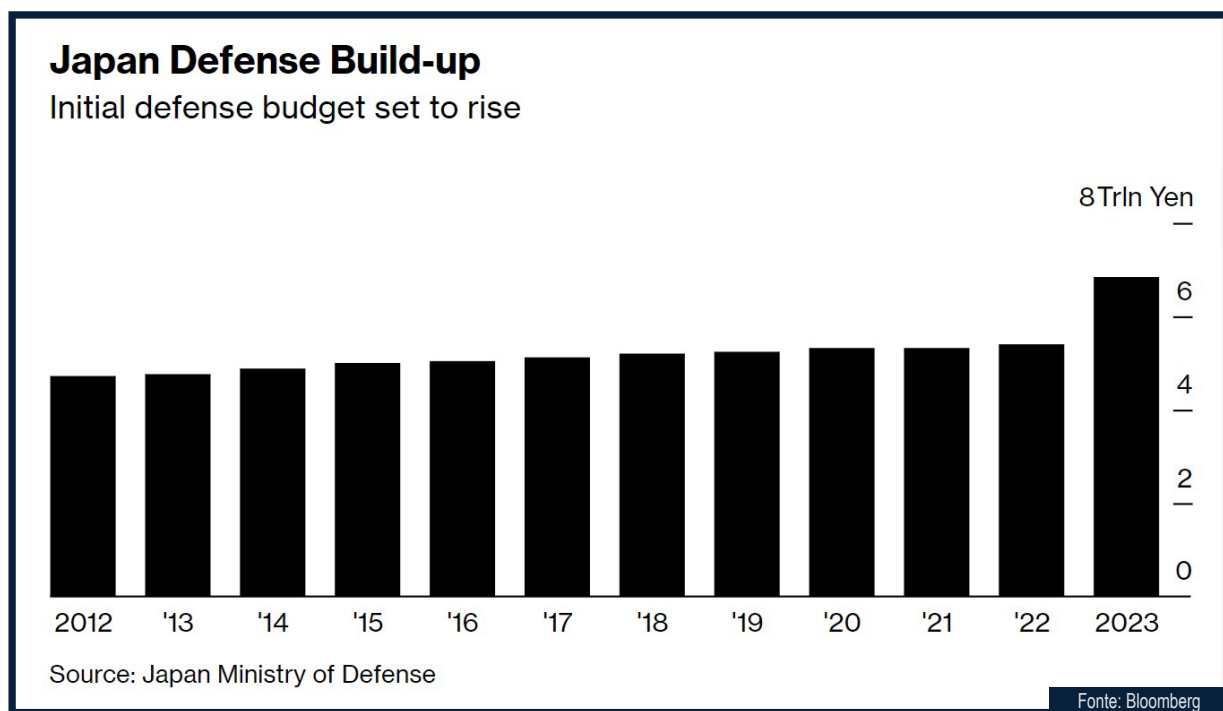
Primeiro-Ministro, Fumio Kishida, anunciou gastos militares no valor de 2% do PIB do país, que se estendem ao setor cibernético. Dentre as reformas na Defesa, foi anunciado que o governo planeja criar uma organização de comando internalizada para a segurança cibernética no Japão. A ideia é que até o ano fiscal de 2027, aproximadamente 20 mil pessoas qualificadas estejam trabalhando na área. De acordo com o Ministério da Defesa, as Forças de Autodefesa contam com um efetivo de 890 profissionais de Defesa Cibernética atualmente, o que demonstra uma disposição para um aumento significativo na pasta até 2027.

A recente preocupação japonesa com este setor pode advir de três situações: a primeira, como foi noticiado originalmente, é de que o Japão está preocupado com

o aumento dos ataques cibernéticos desde o início do conflito entre a Rússia e Ucrânia e a chamada guerra híbrida, ameaça cada vez mais presente regionalmente; a segunda, de uma hipótese de que os Estados Unidos, principal aliado militar do Japão, estaria pressionando o país a investir na Defesa Cibernética, tendo em vista o próprio orçamento divulgado pela Marinha estadunidense para 2023, que valoriza iniciativas

de ciberdefesa. A terceira e última hipótese é de que a robusta presença chinesa no ciberespaço fez com que o Japão percebesse a China como uma ameaça neste setor.

Entende-se que nenhuma das situações descritas se anulam, podendo ser uma combinação destes fatores. Destarte, a crescente importância da defesa cibernética para o Japão pode ser um sinal de como se darão dinâmicas regionais em 2023, especialmente no ciberespaço.



DOI 10.21544/2446-7014.n176.p16-17.

O presente e o futuro das embarcações militares autônomas

Victor Magalhães Longo

No dia 12 de janeiro de 2023, a China anunciou que a embarcação de pesquisa científica *Zhu Hai Yun* havia chegado ao seu porto de destino e se encontrava plenamente operacional após testes bem sucedidos. A embarcação, até então única no mundo, é um *drone carrier*, capaz de transportar até 50 veículos não-tripulados (*drones*) que podem operar em terra, no ar e sob a água. Todavia, a parte mais avançada da embarcação é a anunciada capacidade de operar de forma plenamente autônoma. Ainda que esta seja uma embarcação científica, parece natural a ideia de que sistemas semelhantes sejam criados para fins militares. Com isso em mente, o quão próximos estamos de construir embarcações militares autônomas?

Antes de tudo, é importante distinguir claramente os sistemas remotos dos sistemas autônomos. Os *drones* são os tipos mais comuns de sistemas remotos, e podem possuir níveis diferentes de autonomia, mas

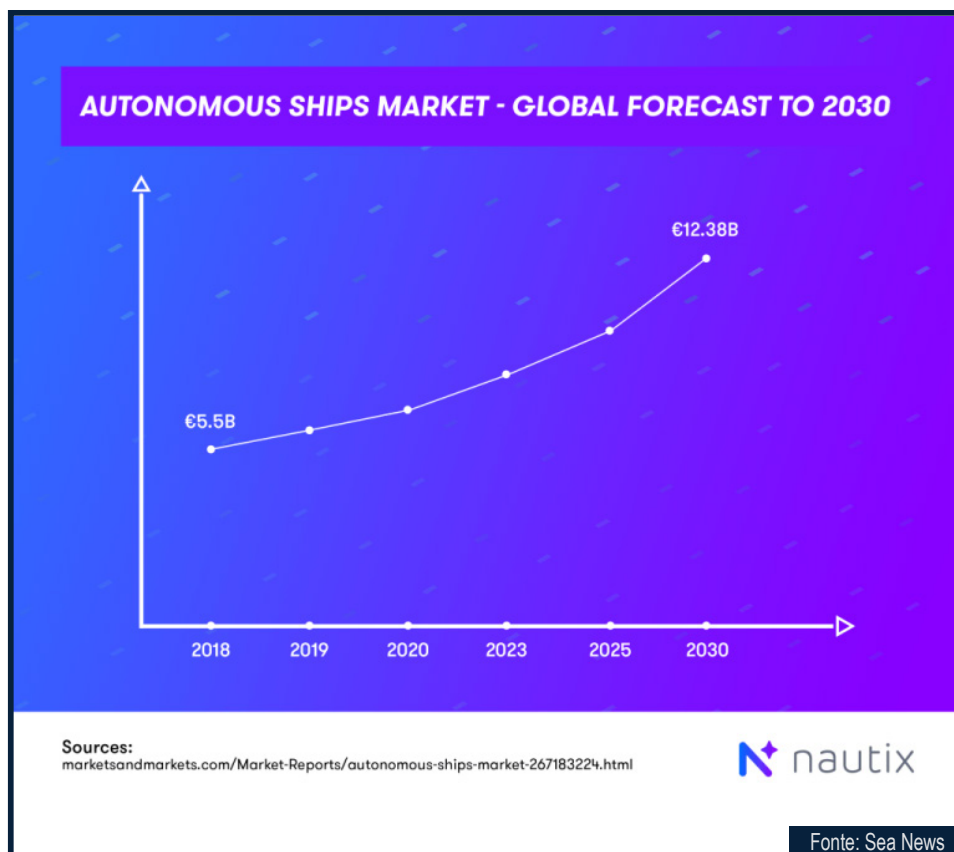
que precisam da operação ou supervisão de um ser humano. Esses sistemas já são amplamente utilizados na guerra moderna, com destaque para a espionagem. Já os sistemas autônomos estão em um outro patamar de sofisticação tecnológica: devem ser capazes de cumprir suas funções de maneira plena, sem nenhuma interferência humana. Por esse motivo, quanto mais complexa a tarefa de determinado sistema, mais difícil é torná-lo autônomo.

No caso de embarcações militares, cujas missões podem demorar meses, há uma infinidade de tarefas com graus diferentes de complexidade, e automatizar e orquestrar todos esses processos é um desafio cuja tecnologia simplesmente não existe. Alguns dos desafios de autonomização são: 1) a dificuldade de se fazer manutenção corretiva; 2) falhas nos sensores, nos *softwares* e nos equipamentos; 3) ataques cibernéticos e; 4) criar nas máquinas a capacidade de tomar decisões

a partir de situações imprevisíveis no mar. No caso da embarcação chinesa, foi anunciado que ela navegou de forma autônoma por 12 horas consecutivas, um feito importante, mas que evidencia que os grandes desafios da navegação autônoma por longos períodos de tempo ainda não foram superados.

Em suma, o que fica claro é que a tecnologia para

embarcações militares completamente autônomas ainda está distante, e o que vem sendo testado são sistemas marítimos autônomos que cumprem funções mais simples ou específicas. No curto e médio prazos, a principal função das inteligências artificiais no meio militar será auxiliar os seres humanos na tomada de decisão e livrá-los de tarefas recorrentes e previsíveis, mas não substituí-los completamente.



DOI 10.21544/2446-7014.n176.p17-18.

- ▶ [Ukraine's Uncrewed Raid on Sevastopol and the Future of War at Sea](#)
RUSI, Dr Sidharth Kaushal
- ▶ [Russia's 'Shadow Fleet' of Tankers Swells to 600 Ships, Trafigura Says](#)
QCAPTAIN
- ▶ [CSIS Wargame: China's Invasion Of Taiwan In 2026](#)
NAVALNEWS, Peter Ong
- ▶ [The United States must act to stop illegal fishing in 2023](#)
BROOKINGS, Brad McNally
- ▶ [Putin Discusses Russian Territorial Claims in Arctic with Security Council](#)
HIGH NORTH NEWS, Malte Humpert

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Maria Eduarda Parracho e Taynah Pires

FEVEREIRO

Principais eventos de 08 a 28 de fevereiro

09-10



BÉLGICA
REUNIÃO DO CONSELHO EUROPEU

17-19



ALEMANHA
CONFERÊNCIA SOBRE SEGURANÇA DE MUNIQUE 2023

17-26



ÁFRICA DO SUL
EXERCÍCIO NAVAL MULTINACIONAL *MOSI II*

18-19



ETIÓPIA
36ª REUNIÃO DE CÚPULA DA ASSEMBLEIA DA UNIÃO AFRICANA

20-24



EMIRADOS ÁRABES UNIDOS
IDEX E NAVDEX 2023

23-25



INDIA
REUNIÃO DOS MINISTROS DAS FINANÇAS E GOVERNADORES DO BANCO CENTRAL DO G20

25



NIGÉRIA
ELEIÇÕES GERAIS

27



ITÁLIA
INÍCIO DO EXERCÍCIO *DYNAMIC MANTA*

REFERÊNCIAS

- **Hidrocarbonetos em pauta: Relações Brasil-Argentina**
LEWKOWICZ, Javier. [Argentina aposta em gás natural em novo plano climático. Diálogo Chino](#), 26 jan. 2023. Acesso em: 02 fev. 2023.
MACHADO, Nayara. [Integração e transição energética da AL podem intensificar negócios no Brasil. Agência EPBR](#), 26 jan. 2023. Acesso em: 01 fev. 2023.
 - **Mudanças Climáticas, Rio Colorado e o Federalismo Estadunidense**
FLAVELLE, Christopher. [As the Colorado River Shrinks, Washington Prepares to Spread the Pain. New York Times](#), 27 jan. 2023. Acesso em: 30 jan. 2023
MAGILL, Bobby. [California Lone Holdout Amid Colorado River Cuts Consensus. Bloomberg Law](#), 31 de jan. 2023. Acesso em: 30 jan. 2023.
 - **Alianças estratégicas à segurança energética da África do Sul**
[SANDF confirms Ex Mosi going ahead with Russia, China. DefenceWeb](#), 19 jan. 2023. Acesso em: 19 jan. 2023.
[South Africa Energy Action Plan](#). Dez. 2022. Acesso em: 18 jan. 2023.
 - **O fim da pirataria no Golfo da Guiné é sinônimo da segurança marítima na região?**
[Benin Receives Patrol Boat to Help Fight Piracy. Africa Defense Forum](#), 17 jan. 2023. Acesso em: 02 fev. 2023.
HOWLETT, Michael. [Sustained efforts needed as global piracy incidents hit lowest levels in decades. International Chamber of Commerce](#), 12 jan. 2023. Acesso em: 02 fev. 2023.
 - **A melhora nas relações Reino Unido-UE e o protocolo da Irlanda do Norte**
FOSTER, Peter; PARKER, George; WEBBER, Jude; BOUNDS, Andy. [How to fix the Northern Ireland protocol. Financial Times](#), 03 jan. 2023. Acesso em: 04 fev. 2023.
YOUNG, David. [Solving Northern Ireland Protocol impasse can solve Stormont powersharing deadlock, says Secretary of State Chris Heaton-Harris. News Letter](#), 21 jan. 2023. Acesso em: 04 fev. 2023.
 - **Operação Atalanta é renovada no Golfo de Áden**
[EU Extends Naval Operation Combating Piracy off Somalia Through 2024. The Maritime Executive](#), 06 jan. 2023. Acesso em: 30 jan. 2023.
RETTMAN, Andrew. [European Navies must stay on Suez trade routes, EU diplomats warn. EuObserver](#), 04 out. 2022. Acesso em: 01 fev. 2023.
 - **A Estratégia russa para o Ártico seguirá novos rumos?**
[For the submarine "Belgorod" made the first ammunition supertorped "Poseidon". TASS](#), 15 jan. 2023. Acesso em: 04 fev. 2023.
MEHDIYEVA, Nazrin. [Strategy of development of the Arctic Zone of the Russian Federation and the provision of national security for the period to 2035. NATO Defense College](#), 25 jun. 2021. Acesso em: 04 fev. 2023.
 - **O Corredor de Transporte Internacional Norte-Sul e as sanções à Rússia**
DARVAS, Zsolt; MARTINS, Catarina; MCCAFFREY, Connor. [Russian foreign trade tracker. Bruegel](#), 18 jan. 2023. Acesso em: 03 fev. 2023.
TIRONE, Jonathan; MOTEVALLI, Golnar. [Russia, Iran defy Western Sanctions by building new trade routes. Bloomberg](#), 21 dez. 2022. Acesso em: 04 fev. 2022.
 - **Projeto de porta-aviões sul-coreano em meio aos ajustes de prioridades em Defesa**
BAN, Kil-joon. [Aircraft Carrier Balancing in Northeast Asia and South Korean Carrier Program: Power, Threat, and Function. The Korean Journal of Defense Analysis](#), Vol. 33, n.1, 2021, p. 43-65.
LEE, Daehan. [South Korea Unveils 2023-2027 mid-Term Defense Plan. Naval News](#), 26 jan. 2023. Acesso em 03 fev. 2023.
 - **Oportunidades para a Embraer na Índia**
CENTENO, Gabriel. [Embraer oferece KC-390 e A-29 Super Tucano para a Índia. Aeroflap](#), 20 jan. 2023. Acesso em: 20 jan. 2023.
MATTOO, Shashank. [Embraer aims to boost localization plans in bid to land defence orders. Mint](#), 15 jan. 2023. Acesso em: 20 jan. 2023.
 - **Acordo fornece fôlego para o Código de Conduta para o Mar do Sul da China**
GOLDENZIEL, Jill. [Indonesia-Vietnam boundary settlement can help U.S. counter China. Forbes](#), 27 dez. 2022. Acesso em 03 fev. 2023.
ZHOU, Laura. [South China Sea: how beijing might respond as Southeast Asia bands together on rival claims. South China Morning Post](#), 28 jan. 2023. Acesso em: 03 fev. 2023.
 - **O Acordo de Cooperação Antártica entre Brasil e Argentina**
BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. [Acordo de Cooperação Antártica entre Brasil e Argentina, Nota à Imprensa nº 25](#). Acesso em: 01 fev 2023.
[Lula's trip to Argentina to include Antarctica deal. Mercopress](#), 21 jan. 2023. Acesso em: 01 fev. 2023.
 - **Defesa Cibernética no Japão: pressão estadunidense ou resposta às ameaças regionais?**
[JAPAN aims to boost cyber-related defense personnel to 20,000 by FY27. Asia News Network](#), 6 dez. 2022. Acesso em: 20 jan. 2023.
WEIS, Aaron. [Department of the Navy CIO Announces Campaign Plan to Further Information Security. America 's Navy Press Office](#), 09 jan. 2023. Acesso em: 20 jan. 2023.
 - **O presente e o futuro das embarcações militares autônomas**
[China builds world's first autonomous seaborne drone-carrier. Global Times](#), 13 jan. 2023. Acesso em: 01 fev. 2023.
ENGLAND, Joanna. [US NAVY: AI falling in line with functionality. Technology Magazine](#), 25 nov. 2022. Acesso em: 01 fev. 2023
- O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

MAPA DE RISCO

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da

escalada de tensões. Após a seleção dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica. Como também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco.

Por: Luísa Barbosa

► ALTO RISCO:

- AFEGANISTÃO - Crise estrutural: [9 people killed in Afghanistan last week](#). **Pajhwok Afghan News**, 05 fev. 2022. Acesso em: 06 fev. 2023.
- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [French MFA supports resumption of talks between Armenia and Azerbaijan](#). **Armenian News**, 05 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- BELARUS - Tensão regional: [Along the Ukraine-Belarus border, there's a war of nerves — and drones](#). **ABC News**, 05 fev. 2023. Acesso: 06 fev. 2023.
- BURKINA FASO - Instabilidade sociopolítica: [Why Burkina Faso asked France to leave](#). **Gulf News**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- HAITI - Crise estrutural e instabilidade política: [Haití El gobierno de Canadá desplegó un avión militar de vigilancia sobre Haití para ayudar a combatir la inseguridad](#). **Nodal**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- IÊMEN - Crise humanitária: [Yemeni minister condemns Iran's escalated arms smuggling to Houthis](#). **Arab News**, 04 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- LÍBANO - Crise estrutural: [Re-opening of Beirut blast probe reignites feud inside Lebanon's judiciary](#). **Financial Times**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- MALI - Conflitos internos e tensões regionais: [Mali expels UN mission's human rights chief](#). **Al Jazeera**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar military rulers extend state of emergency by six months](#). **Aljazeera**, 01 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- PERU - Crise sociopolítica: [Perú, un país en caída libre](#). **El País**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Ukraine braced for renewed Russian offensive later in February](#). **BBC News**, 05 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- SÍRIA - Insegurança regional: [Iran-Syria Friction on Economic Issues Appears to Strain Ties](#). **VOA News**, 04 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [Somália, Etiópia, Quênia e Djibuti unidos contra Al-Shabaab](#). **DW**, 01 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.

► MÉDIO RISCO:

- ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes e acordo de paz: [Ethiopian gov't to send funds to conflict-affected Tigray region](#). **Xinhua News**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- IRÃ - Crise estrutural e regional: [Isfahan attacks a coordinated approach to deterring and punishing Iran](#). **Arab News**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- ISRAEL - Instabilidade política e regional: [Israel-Palestine conflict: Why Benjamin Netanyahu is yet to launch a new war on the Gaza Strip](#). **Arab News**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- LÍBIA - Crise estrutural: [UN envoy stress need to hold elections in Libya as soon as possible](#). **The Libya Update**, 04 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [TotalEnergies appoints human rights expert to assess humanitarian situation for Mozambique LNG restart](#). **Offshore Energy**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- PAQUISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Bomb kills soldier, wounds 11 people in southwest Pakistan](#). **The Washington Post**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Tensões regionais: [East African leaders demand ceasefire between Congo and Rwanda](#). **AfricaNews**, 05 fev. 2023. Acesso em: 05 fev. 2023.
- SRI LANKA - Crise estrutural: [Sri Lanka private credit negative for seventh month as China assurances awaited](#). **Economynext**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- VENEZUELA - Crise estrutural: [Venezuela's slow economic recovery leaves poorest behind](#). **BBC News**, 04 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.

► EM MONITORAMENTO:

- ÁFRICA DO SUL - Crise energética: [Energy crisis set to dominate Mining Indaba](#). **SABC**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- CHINA-ÍNDIA - Tensões na LAC: [India misreads China's LAC intentions at its own peril](#). **Mint**, 04 fev. 2023. Acesso em 06 fev. 2023
- COLÔMBIA/PANAMÁ - Crise migratória: [Un fenómeno nacional, regional y mundial](#). **La Prensa**, 05 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- COREIA DO NORTE - Teste de mísseis: [South Korea Planning Ballistic Missile Test Launch on Friday: Report](#). **The Defense Post**, 03 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- EL SALVADOR - Instabilidade sociopolítica: [El Salvador bets safety on incarceration; unveils new prison](#). **Associated Press**, 03 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- EQUADOR - Instabilidade sociopolítica: [Violence marks sectorial elections in Ecuador](#). **Prensa Latina**, 05 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- EUROPA - Tensões com a Rússia e crise energética: [Europe Is Warned Against Complacency as Gas Crisis Eases](#). **Bloomberg**, 03 fev. 2023. Acesso: 06 fev. 2023.
- GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [Gulf Of Guinea Under Jihadist Threat](#). **Barron's**, 05 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- MAR DO SUL DA CHINA - Disputas regionais: [Philippines coast guard chief says boosts South China Sea presence](#). **Reuters**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- NICARÁGUA - Crise política: [Ortega shuts Nicaragua's Private Bank Association and another 16 NGOs](#). **Confidencial**, 04 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.

- NIGÉRIA - Conflitos internos: Nigéria: [Impunity, Insecurity Threaten Elections](#). **Human Rights Watch**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Another Sudanese general questions the political framework agreement](#). **Sudan Tribune**, 05 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.
- TAIWAN - Embate China-EUA: [Senior Taiwan opposition leader to visit China amid continued tensions](#). **Reuters**, 06 fev. 2023. Acesso em: 06 fev. 2023.